



# Biograph



---

## UM PROFESSOR PARA A CORTE BRASILEIRA: ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE LUIZ ALEIXO BOULANGER

Jaqueline Vieira de Aguiar  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
[profajaqueaguiar@gmail.com](mailto:profajaqueaguiar@gmail.com)

Maria Celi Chaves Vasconcelos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
[maria2.celi@gmail.com](mailto:maria2.celi@gmail.com)

### Introdução

No século XIX, D. João VI trouxe a Missão Francesa para o Brasil com a finalidade de estimular o desenvolvimento das artes. O Brasil virou alvo de viajantes como engenheiros, naturalistas, arquitetos, pintores, professores, desenhistas entre outros profissionais interessados na nova nação. Luiz Aleixo Boulanger foi um desses viajantes que chegou ao país em 1827 como o objetivo de desenvolver a litografia, ou seja, a atividade de gravura em pedra. Mas essa não foi a única atividade realizada por Boulanger, ele se tornou mestre dos príncipes da Corte brasileira por duas gerações. Assim, esse artigo objetiva apresentar aspectos biográficos da trajetória do mestre, especialmente, durante o período em que atuou como professor das princesas, por meio dos registros contidos nas cartas de suas alunas.

O referencial teórico-bibliográfico foi composto pelas obras de Vasconcelos (2005), Aguiar (2015) sobre a educação das crianças nobres e principescas, Gomes (2004) e Blas (2003), para a leitura e interpretação de cartas, e Mignot, Sampaio e Passeggi (2014) no que tange à reflexão metodológica acerca das narrativas de aprendizagem e do exercício da escrita infantil.

Segundo Vasconcelos (2005) a educação das elites do século XIX, assim como a dos príncipes e nobres, ocorria na “casa”, ou seja, no espaço doméstico. A educação

doméstica foi a prática comumente aplicada às elites europeias. Possuir um preceptor ou um professor particular era sinal de *status* na sociedade do século XIX, demonstrando uma condição de destaque social (VASCONCELOS, 2005, p. 62).

Também os que exerciam a função de mestres e preceptores eram considerados praticantes de uma função nobre e, como tal, deveriam ser reconhecidos na sociedade através de privilégios. Segundo Bastos (*apud* VASCONCELOS, 2005, p. 62), entre os mestres destacavam-se os preceptores dos príncipes, que “recebiam muitas graças e ‘mercês especiais’, tornando-se, por isso, dignos da maior consideração, que, naturalmente, acompanhava um emprego tão honroso”. Afinal, o preceptor de um príncipe era responsável pela educação e instrução daquele que poderia um dia vir a governar o país.

O cargo de aio ou preceptor de príncipes era de grande importância política. O aio se destacava porque não era apenas mais um mestre, mas sim aquele que coordenava todo o trabalho dos demais mestres, tendo inclusive participação na decisão sobre sua escolha e permanência (AGUIAR, 2015).

O processo de formação educacional das princesas Isabel e Leopoldina iniciou-se em 1850, quando, D. Pedro II, principiou, ele próprio, a preparação de suas filhas, as futuras soberanas. Em seguida, foram contratados alguns mestres, e este foi o caso de Luiz Aleixo Boulanger, mestre de caligrafia, desenho e geografia. Não era ele um estranho na Corte brasileira, afinal, já havia educado o próprio Imperador e suas irmãs.

Após contratar alguns mestres, D. Pedro II sentiu a necessidade de encontrar uma preceptora para as princesas, encarregada de supervisionar os professores, visto que, segundo as tradições da Corte portuguesa, ao completar sete anos de idade, o príncipe herdeiro deveria ter um aio ou preceptor dirigindo a sua educação (BARMAN, 2005). Para tanto, foi escolhida Luísa Margarida Portugal de Barros, a futura condessa de Barral, encarregada da educação das princesas no período de 1856 a 1864, ou seja, a contratação de Boulanger precede a da própria condessa preceptora.

Segundo Aguiar (2015), os estudos das princesas ocorriam no Paço de São Cristóvão, também chamado de Paço Boa Vista ou no Palácio Imperial de Petrópolis, ambiente para o qual Isabel e Leopoldina se transferiam, principalmente, no verão, sempre acompanhadas pela preceptora e pelos mestres.

A presente pesquisa, caracterizada como histórico-documental, tem como principal fonte de investigação as cartas trocadas entre as princesas e seus pais. Elas objetivavam,

especialmente, informar as lições do dia. Em seu conteúdo é possível encontrar narrativas sobre geografia, botânica, astronomia, matemática, química, mas também caligrafia e, nesse caso, a disciplina era avaliada de acordo com a forma em que a escrita das princesas se apresentava nas cartas. E quando a mesma não agradava ao Imperador, ele prontamente chamava a atenção de suas filhas conforme se verificará adiante.

Por acreditar que o professor costuma ter influência sobre aquele que educa, o estudo em pauta investiga aspectos da vida de Luiz Aleixo Boulanger, um dos primeiros e mais permanente mestre da Casa Imperial. Nesse sentido, buscou-se saber sobre as demais atividades desenvolvidas pelo mestre quando não estava lecionando, como por exemplo, quais eram suas outras habilidades e interesses e porque ficou durante tanto tempo constando das *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família*?

Além disso, a partir das informações pesquisadas sobre Boulanger, é possível supor alguns aspectos comuns da trajetória daqueles que influenciaram significativamente a formação das futuras herdeiras da Coroa e do Trono do Brasil, contribuindo com a recomposição das concepções que norteavam as práticas educativas das elites brasileiras.

Segundo Mignot, Sampaio e Passegi (2014, p.15) na análise da escrita infantil verifica-se “aspectos tais como: os modos de alfabetização, a escrita epistolar, o aprendizado da leitura, e da escrita, os valores formativos, e informativos que os compõem”. Nas cartas das princesas observa-se uma variedade de detalhes relacionados aos costumes da época, cujos conhecimentos não foram adquiridos na escola, mas sim no espaço doméstico da casa, local onde as meninas estudavam com a preceptora e seus mestres (AGUIAR & VASCONCELOS, 2012; AGUIAR, 2015).

Segundo Gomes (2004, p. 19) a “escrita epistolar é uma das modalidades de escrita de si que mais tem sido utilizada pelos historiadores tanto como fonte, quanto como objeto de estudo”. As cartas apresentam várias peculiaridades e códigos a serem decifrados. Para Mignot (2002, p.115), elas “constituem-se em documentos que permitem compreender itinerários pessoais e profissionais de formação, seguir a trama de afinidades eletivas e penetrar em intimidades alheias”. Gomes (2004, p. 19), por sua vez, afirma que a correspondência “implica uma interlocução, uma troca, sendo um jogo interativo entre quem escreve e quem lê — sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através do tempo”.

Blas<sup>1</sup> (2003, p. 28-29) acrescenta que a história da cultura escrita abrange o campo da história social, visto ser objeto de estudo das relações que se estabelecem em diversas situações históricas, englobando “sistemas de escrita, formas gráficas e processos de produção de testemunhos escritos, por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que, por outro lado, elaboram, utilizam e manipulam estes produtos culturais” (BLAS, 2003, p. 29). Para Gomes (2004, p. 9), a pesquisa com cartas está relacionada a diversas áreas, entre elas a história da educação, por envolver técnicas e procedimentos aprendidos na escola. De acordo com a autora, há um protocolo a ser

---

<sup>1</sup> A versão original encontra-se em espanhol. Os trechos citados foram traduzidos livremente pelas autoras.

seguido pelo missivista, como a escolha do papel, a caligrafia legível, a datação, a localização de onde se escreve, o tratamento dado a determinado destinatário, as formas de despedidas e logicamente a assinatura.

Na análise das cartas das princesas, especialmente, no período em que realizavam estudos de caligrafia com o professor Luiz Aleixo Boulanger, os aspectos acima mencionados podem ser facilmente visualizados, exprimindo as escolhas feitas pelo mestre, cujo objetivo era iniciar as duas meninas na cultura escrita. Para tanto, os traços do próprio Boulanger eram tomados como modelo, cabendo, assim, decifrar dados biográficos desse professor da Corte brasileira, que também atuava como escrivão dos brasões e armas da nobreza e fidalguia do Império.

### **Luiz Aleixo Boulanger: professor da Corte brasileira e escrivão dos brasões e armas da nobreza e fidalguia do Império**

Após quarenta dias de viagem pelo mar, chegava ao Rio de Janeiro, em 2 de janeiro de 1827, o francês Luiz Aleixo Boulanger, juntamente com outros dez franceses. Sua estadia inicial realizou-se no Hotel de França, *Chez Mr. Friaux*, localizado na Rua do Ouvidor, onde permaneceu por quinze dias. A vinda para o Brasil havia sido tratada em outubro do ano anterior, quando se reportou ao diplomata brasileiro visconde da Pedra Branca<sup>2</sup>, ao qual informou que precisava ir ao Brasil para ofertar um “Calendário Perpétuo” ao Imperador D. Pedro I (MENESES, 1971, p. 46-47).

De acordo com o passaporte verificado por Meneses (1971), seu nome original era *Louis Alex Boulanger*<sup>3</sup> e nascera na França, em *La Férre* no *Aisne*, no dia 2 de abril de 1798. Era filho de Louis Boulanger e Martine Henriette Bizet. Seu passaporte também denuncia suas características físicas: “olhos grandes, cabelos crespos e sombrancelhas finas” (MENESES, 1971, p. 48). A Figura 1, mostra sua fisionomia algumas décadas depois e confirma as informações descritas.

---

<sup>2</sup> Domingos Borges de Barros, o visconde da Pedra Branca, na ocasião, encontrava-se na França a serviço de D. Pedro I. Cabe ressaltar que ele era pai de Luísa Margarida Portugal de Barros, a condessa de Barral, que, mais tarde, desempenhou a função de encarregada da educação das princesas no período de 1856 a 1864 (AGUIAR, 2015).

<sup>3</sup> Ao chegar ao Rio de Janeiro adotou o nome Luiz Aleixo Boulanger, o que foi confirmado em 1862 ao se naturalizar brasileiro.



Figura 1 – Luiz Aleixo Boulanger – 1871

Fonte: Museu Imperial/Ibram/MinC<sup>4</sup>

Em 1829, Boulanger inaugurou, com o sócio Carlos Risso, sua oficina litográfica comercial, situada na Rua da Ajuda, nº 173. Em seu estabelecimento eram encomendados papéis litograficamente impressos, como etiquetas com desenhos e papéis timbrados. Os primeiros trabalhos com “armas e brasões” realizam-se na condição de “copistas”, apenas mais tarde ele “escreve e ilumina, sua primeira carta de brasão e armas, de nobreza e fidalguia” (MENESES, 1971, p. 49). Boulanger, logo, se revelaria “um artista dotado de requintada educação, ativo e ilustrado” Dessa forma, atraiu clientes ilustres como o Imperador D. Pedro I e o príncipe Augusto de Eichstadt, duque de Leuchtenberg, irmão da Imperatriz D. Amélia, recém-chegado ao Rio de Janeiro (AGUIAR, p. 191).

Após a abdicação de D. Pedro I, Luiz Aleixo Boulanger recebeu o convite do tutor José Bonifácio de Andrada e Silva<sup>5</sup> para ser o professor de caligrafia, desenho e geografia<sup>6</sup> dos filhos do Imperador. O convite ocorria em um momento conturbado no país, no qual o próprio José Bonifácio enfrentava diversos opositores, além dos filhos do Imperador tornarem-se o centro das expectativas do novo momento político. Boulanger, um estrangeiro há poucos anos no Brasil, certamente, considerou que aquela era uma

---

<sup>4</sup> Luiz Aleixo Boulanger, escrivão da nobreza e fidalguia do Império. “Busto, ligeiramente voltado à direita”. 01/01/1871 - Cumprimento de Ano Bom. NOTA: Processo colortype. Fotografia. Colorida. Museu Imperial/Ibram/MinC- I-4-Nº5g. A imagem original encontra-se bem deteriorada pelo tempo e por isso recebeu tratamento fotográfico digital.

<sup>5</sup> Político de grande atuação no Primeiro Reinado, ficou conhecido como o “Patriarca da Independência do Brasil”. Além disso, foi tutor do pequeno Imperador Pedro II até ser substituído, em 1833, pelo marquês de Itanhaém (AGUIAR, 2015).

<sup>6</sup> Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.3. Rio de Janeiro, 1939, p. 143-144. É importante lembrar que no Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas – 1833-64 – Mordomia da Casa Imperial – Códice 01 – Volume 81 – Arquivo Nacional, p. XX, o mestre foi registrado apenas como “mestre de Escripta e Geografia”.

excelente oportunidade para se dedicar exclusivamente a ela. Dessa forma, fecha a oficina litográfica<sup>7</sup> e ocupa-se integralmente ensinando aos chamados “orfãos do Paço”. De acordo com Aguiar (2015), no *Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas*<sup>8</sup> encontra-se a nomeação do mestre, conforme Portaria de 17 de julho de 1833, com o vencimento de 400\$000 réis anuais. Há também anotações posteriores, nas quais se registra “a gratificação de 350\$000 reis, cujo valor fora, em 1835, elevado a 600\$000 reis por ano”. Entretanto, ainda segundo Aguiar (2015), neste mesmo livro de Assentamento consta a dispensa de Boulanger com data de 1º de maio de 1839, mas o seu ordenado continuou a ser pago conforme *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família*<sup>9</sup> relativas ao período de 1833 a 1862. Portanto, pode-se deduzir que ele esteve ligado a Casa Imperial até 1862, já que continuou a ser remunerado como mestre, embora as suas funções possam ter sido alteradas, ou mesmo suspensas, durante a finalização da educação de D. Pedro II e o início da educação das princesas Isabel e Leopoldina.

Um anúncio no Almanaque Laemmert na década de 1840, dá pistas sobre a dispensa registrada em 1839, pois Boulanger passa a anunciar a oferta de trabalhos artísticos e empresariais, bem como se oferece para desenhar retratos e brasões para a nobreza e fidalguia do Império. O indício de novos afazeres revela mudanças no seu contrato com a Casa Imperial, ou mesmo o fim da dedicação exclusiva a que se submeteu quando fechou seu estabelecimento para ser tutor dos filhos do primeiro Imperador. Além disso, no Almanaque Laemmert consta que Boulanger começou a atender seus clientes num novo endereço:

Luiz Aleixo Boulanger, mestre de escrita e geografia da família imperial, familiarizado com os trabalhos heráldicos, encarrega-se de solicitar do governo de S. M. o Imperador licença para o uso de Brasões de Armas; fazer as cartas de nobreza e fidalguia, os desenhos conforme os apelidos, ou compor armas novas. Rua dos Barbonos 69.<sup>10</sup>

Chama atenção o fato de que, no Almanaque Laemmert, Boulanger além de se apresentar como mestre da Família Imperial, oferece-se para intermediar o pedido de licença ao Imperador para o uso de brasões de armas pelas famílias aristocráticas do Império brasileiro, o que revela gozar de prestígio com o soberano de quem foi professor, bem como oferecer esse prestígio para fins comerciais.

Ainda sobre a dispensa registrada em 1839, Garcia (1946, p. 14) afirma que esta ocorreu da função de professor de D. Pedro II e de suas irmãs, já que seus serviços não eram mais necessários. Todavia, o mestre permanece recebendo pagamentos do governo, tendo em vista que, aquela altura, era comum aos prestadores de serviços à Família Imperial, receberem pensões, por vezes, vitalícias.

---

<sup>7</sup> Cf. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n.3. Rio de Janeiro, 1939, p. 139.

<sup>8</sup> Livro de Assentamento dos Mestres de Sua Majestade o Imperador e Sereníssimas Senhoras Princezas – 1833-64 - Mordomia da Casa Imperial – Códice 01 – Volume 81- Arquivo Nacional.

<sup>9</sup> Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família. Relativo ao período de 1833 a 1862. Casa Imperial - Arquivo Nacional.

<sup>10</sup> Almanaque Laemmert *apud* MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. n. 3. Rio de Janeiro, 1939, p. 147.

Quando as princesas Isabel e Leopoldina atingem a idade de receberem ensinamentos formais, é ao seu antigo mestre Boulanger que D. Pedro II recorre, considerando que o mesmo nunca saiu das *Folhas dos Vencimentos dos Mestres da Imperial Família*.

A educação das duas gerações de príncipes ocorreu na casa, ou seja, especialmente, no Paço Boa Vista ou Paço de São Cristóvão como ficou conhecido. Dessa forma, Luiz Aleixo Boulanger, provavelmente, visitava o palácio em dias e horas determinadas, incluindo-se na categoria de “professor particular” que, de acordo com Vasconcelos,

também chamados de mestres particulares ou mestres que davam lições ‘por casas’, eram mestres específicos de primeiras letras, gramática, línguas, música, piano, artes e outros conhecimentos, que visitavam as casas ou fazendas sistematicamente, ministrando aulas a alunos membros da família, ou agregados, individualmente. Não habitavam nas casas. (...) Eram pagos pela família pelos cursos que ministravam (VASCONCELOS, 2005, p. 12 - 13).

Já para a educação das princesas alternavam-se o Paço Boa Vista (Figura 2) durante os meses de maio a novembro e o Palácio Imperial de Petrópolis, para o qual a Família deslocava-se nos meses mais quentes do ano.



Figura 2 - Vista do Palácio de São Cristóvão - Meados do Século XIX

Fonte: Museu Imperial/Ibram/MinC<sup>11</sup>

No Paço Boa Vista (Figura 2), o mestre, desenhista, litógrafo e retratista Boulanger conviveu com a Família Imperial e também com todos os que por lá passavam, pertencentes à nobreza cortesã. Assim, teve a oportunidade de demonstrar seu talento político e cultural, angariando notoriedade na sociedade da Corte, o que lhe rendeu,

<sup>11</sup>Na imagem original encontra-se a seguinte denominação -*Vista do Palácio de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro*. A Litografia é de autoria de Adolphe d'Hastrel. MI-318- Museu Imperial/Ibram/MinC. A imagem recebeu tratamento fotográfico digital e também é encontrada na obra de Aguiar (2015).

entre outros convites, ser admitido em 1839, ano em que foi dispensado como mestre, como sócio correspondente do recém criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) (MENESES, 1971).

Com efeito, Luiz Aleixo Boulanger soube aproveitar seu convívio com a Família Imperial em prol de seus próprios interesses, particularmente, para exercitar seu talento de pesquisador, escrevendo sobre assuntos que o interessavam, entre eles, alguns citados por Meneses (1971, p. 50-52), como “problemas raciais e a craneoscopia”, “o abate de reses no matadouro Público” e “as estradas de ferro brasileiras”. Boulanger ainda se interessou pelas “doenças, endêmicas no Rio de Janeiro”, “estatísticas das províncias, capitais, distritos eleitorais, comarcas e freguesias”, “lista de bispos e acerbispos”, “urbanismo para a cidade de Valença”, entre outros, legando uma significativa contribuição à recomposição da história do período<sup>12</sup>.

Com a saúde frágil e uma preocupação constante com a morte, o que era comum em terras insalubres, em 1840, o mestre leiloou todos os seus bens e pensava deixar o Brasil, retornando à Europa. No entanto, seus planos não se concretizaram e aqui permaneceu pelo resto da sua vida.

Por ocasião do leilão, é possível verificar os livros a serem leiloados, que faziam parte de sua biblioteca: “Voltaire, Diderot, D’Alambert, Lalande, La Bruyère, Montaigne e Bossuet, por entre volumes de Cicero e Tácito, Shakespeare, Milton e Lord Byron” (MENESES, 1971, p.56). Entretanto, na década seguinte, Boulanger, provavelmente, refez sua biblioteca, a julgar pela intensa produção de livros, tratados e ensaios que escreve entre os anos de 1853 e 1872.

Como se observa, Boulanger possuía um gosto eclético que ia desde a filosofia, passando pelas artes, além de assuntos políticos, geográficos, heráldicos e genealógicos, embora o seu principal talento fosse o de desenhista, o que permite que atue como retratista entre os anos de 1842 a 1846.

Na década de 1850, passou a desenvolver “armas novas” e não só copiá-las. O primeiro cliente foi Antônio Dias Pavão, o barão e, posteriormente, segundo visconde e conde de Itaguaí. Na execução desse trabalho nota-se a criatividade do mestre, usando nas insígnias, o pavão do próprio nome do cliente, a cana de açúcar e o ramo cafeeiro. Boulanger aprendeu que “a insígnia heráldica memoriza sempre os meios porque se enobrecem os homens” (MENESES, 1971, p. 55), o que justifica a utilização da cana de açúcar e do café, motivos que contribuíram para o enriquecimento de grande parte da nobreza brasileira oitocentista.

---

<sup>12</sup> Vários estudos e materiais que pertenceram a Boulanger fazem parte da “Coleção Boulanger”, depositada no IHGB. Entre as obras por ele publicadas estão: BOULANGER, Luiz Aleixo. Assembleia Geral legislativa: 9. legislatura. Rio de Janeiro, 1853. BOULANGER, Luiz Aleixo. Nobreza do Brazil, desde a Independência, até o dia 1.º de Maio de 1854. Mappa dos titulares por ordem alphabetica de appellidos. Rio de Janeiro: Imp. Lith. de Heaton et Rensburg, 1854. BOULANGER, Luiz Aleixo. Armorial Brasiliense contendo 97 escudos de armas de famílias brasileiras - Aquarela de Luiz Aleixo Boulanger. Rio de Janeiro, 1861. BOULANGER, Luiz Aleixo. Demonstração das mudanças de ministros e secretarios de Estado do Imperio do Brasil de 1822-1863. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1864. BOULANGER, Luiz Aleixo. Auguste parenté de SS.MM. l'Empereurs D.Pedro II et L'Imperatrice D.Thereza Christina Maria - Liste générale alphabétique des parents de leurs magestes, indiquant les degrés de parenté, les dates de naissance, mariages et décès, composée et offerte à D.Thereza Christina Maria. Rio de Janeiro: Typographic Universalle de Laemmert, 1867. BOULANGER, Luiz Aleixo. Cartas de Brazão d’Armas passadas no Brazil antes e depois da Independência do Império. Archivo Heráldico-Genealógico. Lisboa: 1872.



Em 1850 foi novamente convidado a lecionar, como mestre de caligrafia e geografia, às princesas Isabel e Leopoldina (LACOMBE, 1989). De acordo com Aguiar (2015), durante algum tempo, o mestre conseguiu conciliar suas duas ocupações, a de artista/empresário e a de professor particular. Na Figura 3 encontra-se um dos exercícios de caligrafia da princesa Isabel.

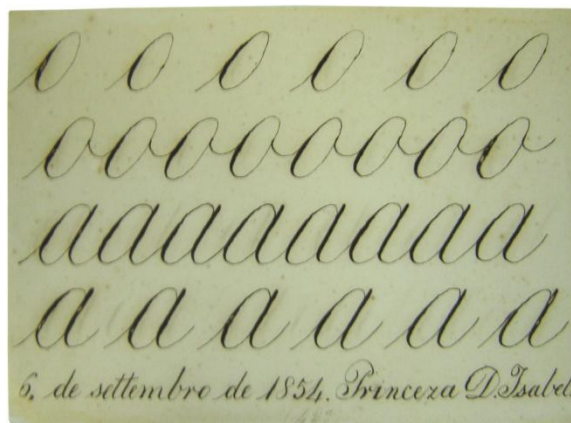


Figura 3 - Exercício de Caligrafia da princesa Isabel - 1854  
Fonte: Arquivo Grão Pará

Na parte inferior do exercício de caligrafia de Isabel há a numeração 42<sup>a</sup>, escrita a grafite, e que pode estar se referindo ao número de lições dadas sobre este conteúdo, o que demonstra a persistência dos mestres<sup>13</sup> em incentivá-la a ter uma boa escrita. Como mestre de caligrafia de D. Pedro II, Boulanger parece não ter sido tão bem-sucedido, como já havia observado Calmon (1941, p.19). Em algumas cartas da princesa Isabel há registros das dificuldades que ela e a preceptora tinham para compreender sua letra,

A Condessa diz que Papae teve hoje TM<sup>14</sup> na calligraphia. (...) Adeus meus Caros Paes, deem a sua benção, e aceitem um abraço d'esta sua filha do coração. Isabel Christina 25 de m<sup>co</sup> de 1857.<sup>15</sup>

18 de 8<sup>bro</sup> de 1859. (...) Papae eu lhe peço que nas suas cartas faça uãs letrinhas mais bem feitas porque há alguãs palavras que eu não comprehendo. Eu sei que Papae não tem tempo.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> De acordo com Aguiar (2015) a preceptora Condessa de Barral e o mestre Valdetaro também costumavam passar exercícios de caligrafia para as duas princesas e no documento referido não há registro sobre quem passou a lição, ilustrada por meio da Figura 3.

<sup>14</sup> "TM constitui-se em um conceito de avaliação utilizado pelos mestres das Princesas e significava *Três Moyen*, ou seja, 'Bem Regular'." (ARGON *apud* AGUIAR, 2016).

<sup>15</sup> Carta da Princesa Isabel dirigida a D. Pedro II e a Tereza Cristina. AGP- XLI-3, Sem local, 25 de março de 1857.

<sup>16</sup> Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. AGP- XLI-3- [São Cristóvão], 18 de outubro de 1859.

O mestre de caligrafia Boulanger obteve mais sucesso com as alunas Isabel e Leopoldina, embora, durante os anos, 1859 a 1862, em plena puberdade e há dois anos do casamento de ambas, suas caligrafias tenham apresentado alterações, a ponto do pai também fazer as mesmas reclamações:

Rio, 14 de Abril de 1862. Cara Izabel Estimo que tenhas passado bem. Vi as tuas notas que não são boas. A letra de tuas cartas é muito má, e escripta muitissimo á pressa. Já sei que me vens chamar mansinho, porem heide por fim confessar que nunca sou tão bonzinho para ti do que quando te faço estudar, e Deos quer antes que empregues o resto da 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> feira n'algum estudo de que nada faças. Mando o discurso do Barra Delfim sobre a Associação de São Vicente de Paulo para a Condessa lhes ler. Adeus! Receba a saudosa benção de seu Pae extremoso Pedro. Lembranças á Condessa, ao Dominique, tua Rosa e os mais.<sup>17</sup>

Segundo Aguiar (2015, p.195) “Caligrafia fazia parte do programa educativo das meninas e, como Princesas herdeiras, deveriam atentar para a importância das boas notas e de uma letra legível”. Na correspondência cotidiana entre o pai e as filhas percebe-se que o soberano, por várias vezes, chama a atenção das meninas para a acuidade com a caligrafia, o que fazia com que as princesas se desculpassem pela escrita e ortografia, procurando aperfeiçoá-las, conforme demonstra a missiva da princesa Leopoldina:

Recebi ás 6 horas sua a carta em que veiu pela Leonarda ela não poude vir cá mas mandou-a o que me fez muito prazer. Eu estou com muitas saudades suas. Hontem a minha carta espero que foi lacônica. Mas hoje ainda bem he maiorzinha. Como choveu hontem he que me impediu de ir á pesca amanhã. Vamos ao officio de trevas. Estimarei que se tenha bom regalo com o forno. Muito obrigado pelos doces e as peras que recebi hoje e logo de tarde dei uã trincadella. Descupe-me a letra. Desculpe-me a letra.<sup>18</sup>

A princesa Isabel também desculpava-se com o pai em suas cartas: “Perdoe a letra e se tiver algum erro na orthografia”<sup>19</sup>. Cabe ressaltar que as cartas escritas pelas princesas eram rascunhadas e corrigidas pelos mestres, para depois serem copiadas em papéis geralmente ornamentados. Dessa forma, o cuidado com as missivas demonstra que não só as princesas eram avaliadas pelo pai Imperador, mas também seu principal mestre de caligrafia, Luiz Aleixo Boulanger.

A maior parte das cartas pesquisadas de autoria das princesas (AGUIAR, 2015), apresenta uma letra legível e bem desenhada, com exceção das do período de 1854 a 1856, que exibem letras grandes e levemente tremidas, caracterizando-se como o início do letramento, assim como as de 1859 a 1862, que apresentam garranchos, borrões e rasuras, dando a impressão de que a escrita acompanhava as transformações pelas quais

<sup>17</sup>Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel. AGP – Arquivo Grão Pará -XXXIX- 1, Rio de Janeiro, 14 de abril de 1862.

<sup>18</sup>Carta da Princesa Leopoldina a D.Teresa Cristina. AGP- XLVIII-5- Sem Local, 26 de março de 1861.

<sup>19</sup>Carta da Princesa Isabel a D. Pedro II. AGP- XLI-3- São Cristóvão, 8 de outubro de 1859.

passavam seus corpos na fase da adolescência. Além disso, o possível descuido com a escrita, mais do que uma negligência do mestre, pode estar relacionado à mudança de humor, à rebeldia comum nesta faixa-etária dos 12 aos 16 anos, e/ou ao pouco tempo para se dedicarem às cartas, visto que, a partir de 1857 aumenta significativamente o número de mestres e disciplinas envolvidos na educação das princesas.

Luiz Aleixo Boulanger parece ter sido também bastante habilidoso na confecção de aparatos de leitura, como se observa na engenhosidade de um objeto feito por ele, denominado de “Mappa synoptico das notabilidades do Brasil”,<sup>20</sup> oferecido pelo mestre de caligrafia a D. Pedro II, em 12 de dezembro em 1853. De acordo com Aguiar (2015), o historiador Roquete Pinto analisou o recurso didático usado pelo mestre na segunda metade do século XIX, fazendo as seguintes observações:

o mappa era protegido por um disco de vidro. Formava uma pequena mesa que o Imperador podia fazer girar a seu gosto, pondo debaixo dos olhos o sector onde se encontrasse a informação necessaria em um momento dado. Toda a á vida política e administrativa do Imperio de 1822 a 1853 ali está, expressas nos diferentes nomes e nas diferentes datas. Se era preciso saber qual fôra o ministro da justiça em 1826 bastava (...) correr o dedo sobre a superfície da sua fiel informante (p. 197).<sup>21</sup>

Não se sabe exatamente a data em que Boulanger encerrou suas atividades como mestre da Família Imperial, mas seus vencimentos foram pagos até 1862, quando, mais precisamente a partir de 28 de junho, passou a exercer o cargo de escrivão dos brasões e armas da nobreza e fidalguia do Império, ofício o qual almejava e que, certamente, foi-lhe concedido em agradecimento aos serviços prestados aos soberanos (MENESES, 1971). Contudo, para ocupar o cargo, Boulanger precisou naturalizar-se como brasileiro, uma exigência de seu ex-aluno e patrono, o Imperador D. Pedro II. A nova função veio em uma época em que já faltava-lhe a saúde, como informa Meneses (1971), além da catarata que comprometia sua visão, fazendo com que a precisão com o lápis já não fosse a mesma. Ainda assim, um de seus últimos trabalhos para o Imperador recebeu o título de “Viagens de Suas Majestades Imperiais na Europa – 1871-1872”, no qual ocupa-se daquilo que havia sido uma constante em sua vida no Brasil, a proximidade com a Família Imperial.

Luiz Aleixo Boulanger morre no dia 24 de julho de 1874 no Rio de Janeiro, na casa em que viveu por quarenta e oito anos, situada na Rua da Lapa, nº 46. Ernesto Aleixo Boulanger, seu filho, o sucedeu no cargo como “Rei das Armas” até 1889. Afinal, nesse ano a República fora proclamada e com ela encerrava-se uma profissão e o valor daquilo que ela produzia, a representação dos títulos da nobreza brasileira.

## Considerações Finais

---

<sup>20</sup> Sobre o assunto ver, O QUE não coube na bagagem do varão illustre: cousas deixadas por D. Pedro no antigo Solar da Boa Vista e exumadas depois por um pesquisador da historia. *Correio da Manhã*, 30 jan 1932.

<sup>21</sup> Idem.

Quando chegou ao Brasil em 1827 o viajante francês Luiz Aleixo Boulanger, não sabia o que aquela terra estrangeira reservara para si. Dotado de grande cultura adquirida na Europa, logo sobressairia na arte litográfica, em um período em que havia no país poucos artistas capazes de atender aos gostos da aristocracia que procurava imitar o velho continente.

Sua contratação para mestre do futuro imperador Pedro II e de suas irmãs, o tornaria suficientemente dotado de prestígio para destacar-se entre os artesãos mais bem pagos do Império. Soma-se a isso o fato de que apenas na última década de sua vida deixou de ser pago pelos serviços de mestre da Casa Imperial brasileira, mas nesse momento, foi nomeado escrivão dos brasões e armas da nobreza e fidalguia do Império, e já era membro prestigiado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Como outros homens do seu tempo, Luiz Aleixo Boulanger, não êxitou diante da oportunidade de tornar-se reconhecido pelo seu talento e sua arte, no novo mundo, dedicando parte significativa da sua vida a serviço da monarquia. Todavia, provavelmente, essa possibilidade de notoriedade e convivência no mais seletivo grupo de brasileiros, deve ter sido aquilo que o fez abrir mão da cidadania europeia e abandonar a ideia de retornar a Europa.

Em um ambiente tão conturbado como o dos paços imperiais, onde os egos e vaidades confrontavam-se cotidianamente, como bem relata Maria Graham (1990) em sua breve passagem como preceptora da princesa Maria da Glória, irmã de D. Pedro II, ter sobrevivido com a mesma notoriedade a momentos como a Regência e a mudança de preceptor do pequeno Imperador Pedro II, em 1833, já demonstra parte do temperamento do mestre, que com sabedoria soube driblar as intrigas palacianas, a vigilância de todos os partidos e partidários sobre a educação dos soberanos e, principalmente, às exigências do segundo Imperador sobre a educação de suas filhas, as quais não tinham como principal talento, dons artísticos ou para estudos minuciosos.

## **Referências Bibliográficas**

ACERVO DE LIVROS RAROS POR AUTOR “BOULANGER, LUIZ ALEIXO”. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/28/browse?value=Boulanger%2C+Luiz+Aleixo%2C+m.+1874&type=author>. Acesso em: 28 jan. 2016.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de. *Princesas Isabel e Leopoldina: mulheres educadas para governar*. Curitiba: Appris, 2015.

AGUIAR, Jaqueline Vieira de.; VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. 'Meus caros paes': A educação das Princesas Isabel e Leopoldina. *Revista Educação em Questão* (UFRN. Impresso), v. 44, p. 6-35, 2012.

BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara, CUNHA, Maria Teresa Santos, MIGNOT, [Ana Chrystina Venancio \(Orgs.\)](#). *Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

BLAS, Verónica Sierra. *Aprender a escribir cartas: Los manuales epistolares en la España contemporânea (1927-1945)*. Gijón: Ediciones Treal, S. L., 2003.

GARCIA, Rodolfo. Os mestres do Imperador. *Anuário do Museu Imperial*. Petrópolis, v. 1, 1946.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil*. São Paulo: Edusp, 1990.

LACOMBE, Lourenço Luiz. *Isabel: a Princesa redentora*. Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 1989.

MENESES, Paulo Braga de. 1971. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 291 p. 45-82, abr/jun. 1971.

MIGNOT, Ana Chrystina, SAMPAIO, Carmen Sanches, PASSEGGI, Maria da Conceição (orgs.). *Infância, aprendizagem e exercício da escrita* Curitiba: Editora CRV, 2014.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. n.3. Rio de Janeiro, 1939. BARMAN, Roderick. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. São Paulo: UNESP, 2005.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. *A casa e seus mestres: a educação no Brasil de oitocentos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.